



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT- 01– Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A BIBLIOGRAFIA DO ESQUECIMENTO: POR QUE SILENCIAMOS A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS?

THE BIBLIOGRAPHY OF FORGETFULNESS: WHY DO WE SILENT CARLINA MARIA DE JESUS'S LITERARY PRODUCTION?

Bruno Almeida dos Santos (Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Franciéle Carneiro Garcês da Silva (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

Nídia Maria Lienert Lubisco (Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente estudo tem como objetivo apresentar a obra literária de Carolina Maria de Jesus e a sua trajetória de vida, em paralelo aos motivos pelos quais ela foi silenciada e esquecida ao longo do tempo. Mulher, negra, mãe solteira, de pouca escolaridade, viveu um cotidiano de miséria na favela do Canindé, na cidade de São Paulo e teve uma produção literária relevante. Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, apoiada em revisão de literatura sobre fonte de informação e bibliografia, e em um levantamento da produção literária de Carolina Maria de Jesus, publicada em vida e postumamente, representada em um quadro cronológico. Sua bibliografia é pouco conhecida devido a vários fatores que lhe estigmatizaram e não garantiram o seu reconhecimento como uma importante escritora brasileira. Sendo assim, este estudo postula que a difusão de sua bibliografia pode ser um caminho para o reconhecimento da sua produção literária, muitas vezes silenciada devido aos preconceitos de raça, gênero e classe social.

Palavras-Chave: Bibliografia; Fonte de Informação; Maria Carolina de Jesus; Intelectual negra.

Abstract: This study aims to present Carolina Maria de Jesus's literary work and her life trajectory, in parallel to the reasons why it was silenced and forgotten over time. Woman, black, single mother, with little education, lived a daily misery in the Canindé slum, in the city of São Paulo and had a relevant literary production. This is an exploratory and descriptive research, supported by a literature review on information source and bibliography, and a survey of the literary production of Carolina Maria de Jesus, published in life and posthumously represented in a chronological framework. Her bibliography is little known due to several factors that stigmatized her and did not guarantee her recognition as an important Brazilian writer. Thus, this study postulates that the diffusion of his bibliography may be a way to recognize his literary production, often silenced due to the prejudices of race, gender and social class.

Keywords: Bibliography; Source of information; Maria Carolina de Jesus; Black intellectual.

1 INTRODUÇÃO

O cenário atual da sociedade mostra que os indivíduos estão vivenciando a era da informação e do conhecimento. Uma característica marcante desse contexto é a grande quantidade de informação proveniente de várias fontes, armazenadas em unidades próprias para sua guarda, tratamento e disseminação, mas também dispersas pela *internet*.

Uma importante fonte de informação é a bibliografia, considerada por alguns autores como uma fonte de informação secundária, uma vez que reúne a indicação de obras originais sobre determinado tema ou coleção. Além desta visão, a bibliografia também pode ser entendida como uma ciência, disciplina, técnica, tecnologia, conhecimento, competência, saber e estratégia para a compreensão da história, da memória e do mundo da informação (SABBA, 2016; BLANQUET, 2018).

No presente estudo, utilizaremos a bibliografia nas duas acepções: como fonte de informação e como disciplina, para mostrar a trajetória de vida e a produção literária de Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira que teve sua literatura silenciada e esquecida ao longo do tempo.

A pesquisa tem um caráter exploratório-descritivo e adota o procedimento bibliográfico, onde foi feita uma revisão de literatura e depois um levantamento da produção literária de Carolina Maria de Jesus, através do Portal Vida por Escrito (www.vidaporescrito.com), Catálogo *online* da Biblioteca Nacional (www.bn.gov.br/explore/catalogos) e no catálogo *online* da Biblioteca Maria Carolina de Jesus do Museu Afro Brasil (<http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/biblioteca-carolina-maria-de-jesus>). Logo depois, foi elaborado um quadro com a bibliografia da autora, ordenada cronologicamente. Com relação aos critérios para a escolha das publicações da autora, selecionou-se como período de análise os anos de 1960 a 2018. Tal período engloba toda a produção bibliográfica escrita durante a vida e após a morte da autora, que ocorreu no ano de 1977. Quanto à definição do corpus, a cronologia foi criada incluindo não só os materiais publicados em português, mas também aquelas traduzidas em outros países. A busca pelos materiais nos referidos catálogos e portais supracitados, foi realizada a partir da busca pelo termo de busca “Carolina Maria de Jesus” e, posteriormente, foram inclusas no Quadro 1, as bibliografias publicadas no referido período. Caso houvesse mais de um material cadastrado

com mesmo ano, edição e editora, era considerado somente um material para fins de inclusão na cronologia.

2 FONTES DE INFORMAÇÃO

Uma fonte geralmente está relacionada com a origem, princípio ou causa de algum fato ou fenômeno. Mas do ponto de vista da informação, uma fonte pode ser aquilo que responde uma necessidade de informação vinda dos usuários, abarcando produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, entre outros fatores. Harrod's (1995) conceitua uma fonte de informação como qualquer documento que forneça informação aos usuários de uma unidade de informação ou qualquer documento que contenha informação reproduzida em outro documento, além de poder ser também um dado ou registro fornecido por uma busca de informação.

Na visão de Cunha (2001), fonte de informação é aquilo que abarca manuscritos e publicações impressas, além de objetos, como amostras minerais, obras de arte ou peças museológicas. Enquanto isso, Ferreira (2004) identifica como fonte de informação qualquer livro, documento, organismo, instituição ou pessoa que transmita informação.

O *Manual de Gestão de Serviços de Informação* (MANUAL..., 1997) apresenta as fontes de informações como suportes que contém informações capazes de serem comunicadas. Para Araújo (2013), essas fontes podem ser qualquer documento, dado ou registro que forneça aos usuários de bibliotecas ou de serviço de informação, informações que respondam a certas demandas informacionais.

As fontes de informação têm a função primordial de registrar e fornecer informação que responda às necessidades informacionais vindas dos usuários, através de produtos e serviços de informação, pessoas ou rede, programas de computador entre outros fatores. Lubisco e Vieira (2013) afirmam que essas fontes - que registram estudos, pesquisas e criação artística - podem ser classificadas como primárias (documentos originais), secundárias (remetem a originais) e terciárias (remetem às secundárias), mas esta designação, no entanto, é controvertida de um autor para outro, apresentando muitas vezes diferenças, principalmente porque entre as secundárias e as terciárias não há diferença substancial.

Para Grogan (1970), as fontes de informação também são dívidas em primárias (documentos originais, como revistas científicas, relatórios, anais de congressos, as patentes, as dissertações, as teses, as publicações oficiais e os dados de pesquisa); secundárias

(remetem às originais, como: serviço de indexação e resumo, revistas de periódicos sobre literatura primária, materiais de referência, tratados, monografias e livros-textos) e terciárias (anúários e diretórios, bibliotecas, centros de informação e bibliografias).

Souto (2004) classifica as fontes de informação nas seguintes tipologias: fontes primárias (registram informações originais (novas) ou novas interpretações de fatos/ideias já conhecidos. O conteúdo não foi assimilado pela comunidade científica. Exemplo: teses, artigos de periódicos, relatórios técnicos, patentes, normas técnicas e anais de congresso); fontes secundárias (facilitam o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias, filtram e organizam a informação de acordo com um arranjo definido. Exemplos: dicionários, enciclopédias, livros, anúários, monografias, tabelas, manuais, tratados, bibliografias) e fontes terciárias (facilitam a localização das fontes primárias e terciárias. Exemplo: bibliografia de bibliografia, periódicos de indexação e resumo, catálogos coletivos e diretórios).

Martin (2013) classifica as fontes de informação em obras de consulta ou referência de caráter primário (anúários, dicionários, diretórios, enciclopédias, estatísticas, guias, manuais tratados); obras de consulta ou referência de caráter secundário (biografias ou repertórios, catálogos); e fontes de informação para o controle da literatura cinzenta de caráter terciário (atas de congressos, relatórios técnicos e de investigação, normas, patentes e marcas, *software*, teses doutorais e trabalhos universitários de distribuição interna, traduções).

As fontes de informação primárias, secundárias e terciárias têm o papel essencial de registrar o conhecimento e responder às necessidades informacionais dos usuários de informação. Por isso, faz-se necessário o conhecimento sobre elas individualmente, pois cada qual tem sua função específica. Aqui iremos focar uma fonte de informação secundária - a bibliografia -, que também pode ser compreendida como uma disciplina.

3 BIBLIOGRAFIA COMO DISCIPLINA E COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

O termo “bibliografia” foi citado pela primeira vez nos estudos de Gabriel Naudé, em 1663, que à época era bibliotecário e também secretário do cardeal Mazarin (BLANQUET, 2018). Cem anos se passaram até que o termo fosse citado no *Dicionário da Academia Francesa* como a “ciência do bibliógrafo”. Conforme Balsamo (1998), foi Louise-Noëlle Malclès quem contribuiu para o aprofundamento dos estudos da bibliografia, assim como para a disseminação do conhecimento crítico sobre ela. Balsamo (1998, p. 12, tradução nossa) infere que:

Do ponto de vista histórico, a bibliografia mostra uma função institucional precisa, desenvolvida dentro do sistema de difusão cultural. De fato, como indica sua etimologia, está relacionada ao universo dos livros, no qual assumiu um papel mediador entre a produção de livros e o público de potenciais leitores. Tal função mediadora articula-se em diversos planos, dependendo de seu objetivo que pode atender tanto a área de estudos quanto a mais geral do comércio de livros.

Com base nos critérios de classificação abordados na seção anterior por Grogan (1970), Souto (2004), Lubisco e Vieira (2013) e Martin (2013), entendemos que a bibliografia é uma fonte informação secundária que remete às fontes de informação primária, tendo como função responder a demandas de informação dos usuários, facilitar o seu acesso à informação e dar visibilidade à produção científica e literária. Para Paul Otlet ([1934], 2018, p. 5), a bibliografia é concebida como “[...] a descrição e classificação dos documentos (livros, periódicos e artigos de revistas, etc.), distinguindo-se entre a bibliografia de referências e a bibliografia analítica”.

Além de ser um instrumento ou veículo de informação (BALSAMO, 1998), a bibliografia também pode ser compreendida com uma disciplina, quando investiga as fontes de informação e sua relevância para a história. Por isso, é preciso compreender e analisar a sua natureza e o seu papel como fonte de informação. Sobre o significado do termo bibliografia, Sabba (2016, p. 67) afirma que,

Os termos ‘biblioteca’ e ‘bibliografia’ apresentam a mesma raiz semântica, que é aquela contida nas palavras gregas *ó βιβλος-ου*, isso é: casca, livro, e *τό βιβλίον-ου* = papel, escrito, obra, livro; enquanto se diferenciam pela desinência diferente, originada pelas palavras *ή θήκη-ης*, caixa, baú, embalagem, e *ή γραφή-ης*, escrita. Com a palavra latina ‘bibliotheca’ pelo menos até o século XVII entendia-se tanto uma ‘livraria’ quanto um ‘*catalogus*’, pois tratava-se de um recipiente de livros, fossem eles presentes fisicamente (ordenados nas estantes e nas prateleiras da biblioteca para serem consultados) ou presentes virtualmente (através de sua sinalização com finalidade informativa, conforme uma ordem alfabética ou sistemática, em um catálogo ou em um repertório bibliográfico).

Por meio da compreensão do termo, podemos entender a bibliografia como uma fonte de informação que tem a função de “[...] acolher e ordenar as conotações literárias e os elementos semânticos dos documentos gerados pelas outras disciplinas, no âmbito das quais serão sucessivamente reutilizados.” (SABBA, 2016, p. 67). Porém, McCrank (1979) afirma que

caracterizar uma bibliografia é uma tarefa difícil, porque nem tudo que se apresenta como recurso de descrição ou referência é bibliografia.

Para Nogueira (2016), a bibliografia, desde os seus primórdios, tem uma função instrumental, de organizar a informação por meio de catálogos bibliográficos e documentais. De acordo com Sabba (2016), para realizar esta atividade, a bibliografia usa os índices, que se encaixam em esquemas que buscam fazer a mediação entre as necessidades informacionais de um usuário ou de grupos de usuários com uma determinada fonte de informação. Os índices se configuram [...] como o produto e o instrumento das atividades de mapeamento e organização da Bibliografia, e a Bibliografia pode assim ser definida também como ‘Ciência das comunicações mediadas por índices.’ (SABBA, 2016, p. 68).

Como disciplina, a bibliografia colabora de forma dinâmica para pesquisas em fontes de informação, como livros e documentos, na forma textual impressa, tendo assim uma importância relevante para o campo, e tem contribuído, de forma significativa, na análise de textos que muito servem aos historiadores e pesquisadores (NOGUEIRA, 2016). Paling (2004) lembra que a bibliografia é uma disciplina ligada diretamente aos estudos de textos e à retórica. Já na concepção de Buonocore (1976), é uma disciplina pragmática, pois envolve o saber e a prática. Na abordagem de Ortega e Carvalho (2017, p. 38), ela é entendida como uma disciplina ou vertente que:

[...] parte do conjunto de atividades sobre documentos em abordagem bibliográfica, cujo objetivo é fomentar e satisfazer necessidades de informação de um público. Para tratar da abordagem bibliográfica em sua completude, é necessário ter em conta mais de uma disciplina, quais sejam, a Bibliografia, a Biblioteconomia e a Documentação. Nessa perspectiva, o trabalho bibliográfico é emblemático do campo de estudo e da prática bibliotecária.

No aspecto de fonte de informação, a bibliografia é caracterizada como uma matéria de classificação de documentos, exercendo a função de “[...] disponibilizar dados e também o roteiro para acesso aos originais, permitindo que se façam análises [...] sobre autores, editores, livreiros [...] e outros agentes da cadeia produtiva do livro [...]” (NOGUEIRA, 2016, p. 153). Assim, a bibliografia é uma fonte de informação e também uma disciplina voltada para os estudos das fontes de informação, que se apresenta de forma inscrita. É marcada por processos de transmissão, onde estão incluídas a produção e a recepção informação, por isso é necessário que se tenha pesquisas que nos levem ao entendimento de seus processos

técnicos e sociais (MCKENZIE, 1999). Através desses processos é que entendemos a finalidade do trabalho bibliográfico descrito por Ortega e Carvalho (2017, p. 38):

O trabalho bibliográfico orienta-se a diversos fins como: a construção de conhecimento, necessário a atividades educacionais, científicas e profissionais; a fruição ou experiência estética; e os utilitários, relativos ao acesso a serviços ou atividades de entretenimento, educação, cultura, saúde e direitos civis.

No âmbito da Ciência da Informação, a bibliografia é entendida como vertente ou disciplina constituinte desse campo, com a função de fomentar e responder às necessidades informacionais de um público (ORTEGA; CARVALHO, 2017). Para Zaher e Gomes (1972, p. 5),

Novas formas de registro de informações ampliaram o âmbito da Bibliografia, levando ao aparecimento da Documentação. Necessidades sociais exigiram maior especificidade no tratamento de informação para cuja solução novos tipos de especialistas e novas tecnologias passaram a ser desenvolvidas originando a Ciência da Informação. Esta, como disciplina científica, passa a considerar Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação como suscetíveis de aplicar os resultados de suas investigações.

A Ciência da Informação - que nasceu e se consolidou no contexto anglo-saxão entre as décadas de 1940 e 1960 - tem sua origem atrelada à bibliografia. Neste sentido, lembramos alguns marcos históricos da Bibliografia que foram importantes para o surgimento desta disciplina como: a) a invenção da imprensa no século XV; b) a organização da I Conferência Internacional de Bibliografia em 1895; c) a criação por Otlet e La Fontaine do Instituto Internacional de Bibliografia, do Repertório Bibliográfico Universal e da Classificação Decimal Universal; d) a criação de uma nova disciplina chamada de Documentação por Otlet; e) a mudança do Instituto Internacional de Documentação para Federação Internacional de Documentação em 1931, e; f) a legitimação teórica e conceitual da documentação em 1934 por Otlet com publicação do *Traité de documentation: le livre su le livre* (ARAÚJO, 2014).

Os fatos históricos citados acima nos mostram que a Ciência da Informação tem seus fundamentos históricos e teóricos ligados à bibliografia, sendo que o trabalho bibliográfico neste campo se ocupa em “[...] referenciar o conhecimento produzido por meio de sistemas, serviços e demais ações que possibilitem o uso qualificado da informação.” (ORTEGA; CARVALHO, 2017, p. 43).

Dito isto, destacamos que a proposta deste trabalho é apresentar a bibliografia e a história de vida da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, cuja produção literária foi silenciada e esquecida ao longo do tempo. Entendemos que a construção da bibliografia de Carolina pode ser um caminho para difusão da sua produção literária, do seu reconhecimento como uma das principais escritoras afro-brasileiras e do entendimento dos aspectos históricos e sociais que marcaram a sua vida.

4 CAROLINA MARIA DE JESUS: VIDA E BIBLIOGRAFIA

Carolina Maria de Jesus têm sua história de vida marcada pela luta, resistência e denúncia. Mulher negra, mãe solteira, forte, doce, inquieta, romântica, sonhadora e decidida, Carolina tem a vida “[...] semelhante à de tantas outras negras mulheres que fizeram esse Brasil “no braço”, com alma, com sangue, lágrimas, prazer, generosidade, amor e ódio.”¹ (LOPES, 2014, s.p.).

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Segundo Farias (2017), a cidade de Sacramento no século XIX era marcada pelo cruel período da escravidão. Nela, era possível observar homens negros e mulheres negras trabalhando nos serviços mais pesados, circulando quase sempre malvestidos, vivendo em uma situação de pobreza, sem perspectivas de vida e muitos deles analfabetos. “Nesse ambiente indiferente à sorte de negros e pobres, foi onde nasceu uma menina que iria se chamar, pelo batismo, Carolina Maria de Jesus, mas que seria tratada, no seio de sua numerosa família, pelo simples apelido de ‘Bitita’.” (FARIAS, 2017, p. 15).

Em 1921, Bitita começou a estudar no colégio Allan Kardec, escola espírita, mista, com ensino rigoroso, localizada no centro da cidade de Sacramento. Farias (2017) lembra que Carolina passou por problemas para se adaptar ao ambiente dessa escola, pois apresentava dificuldade de aprendizado e ainda era amamentada pela mãe. É nesse espaço que também começou a sofrer as primeiras manifestações de preconceito por parte de seus colegas. Por isso e por precisar acompanhar sua mãe em um trabalho fora da cidade no ano de 1923, sua permanência no colégio Allan Kardec só durou cerca de dois anos. (FARIAS, 2017).

Em 1927, Carolina Maria de Jesus e sua família partem para cidade de Franca, interior de São Paulo. Ali ela começou a trabalhar como lavradora em uma fazenda e também como empregada doméstica na cidade. Em 1928, juntamente com sua família, deixa Franca e

¹ Trecho escrito pela atriz Vera Lopes, em 2014, no programa do recital poético musical “Quadros”, baseado em algumas obras de Carolina Maria de Jesus.

retorna para Sacramento; em 1929, abandonam novamente Sacramento e tomam como destino a cidade de Conquista, em Minas Gerais, para trabalhar em uma fazenda, mas logo regressam para Sacramento. No ano de 1930, Carolina passa pelas cidades de Uberaba (Minas Gerais), Ribeirão Preto e Orlândia (ambas no estado de São Paulo) para tratar de feridas que aparecem em suas pernas; em 1932, Carolina retorna para Sacramento ainda com suas pernas feridas. Conforme Farias (2017, p. 94), “[...] as feridas não saravam totalmente, e ela, que precisava repousar para não forçar muitos os machucados, tinha na leitura um lenitivo para as suas dores e seus sofrimentos, pois sentada ali não se esforçava tanto”. Carolina parece viver uma “vida cigana” e as constantes mudanças de uma cidade para outra refletem bem como era a vida do negro no Brasil durante o século XIX: marcada por extrema pobreza e pela busca por dias melhores.

Por volta de 1933, Carolina e sua mãe são presas de forma preconceituosa e arbitrária. “A acusação é que Carolina estava lendo o livro de São Cipriano para fazer ‘feitiços’ contra os brancos. Não houve quem as fosse auxiliar ou libertar.” (FARIAS, 2017, p. 95). Na prisão, Carolina e sua mãe passaram dias sem comer e eram obrigadas a fazer serviços braçais, além de sofrerem violências físicas e verbais. Cenas como essas eram (e ainda continuam sendo) consideradas comuns em nosso país, principalmente com mulheres negras e pobres. Depois de viverem dias de tristeza e sofrimento na prisão, Carolina e sua mãe são libertadas graças a um primo de nome Paulo, que pagou a fiança. Após sair da cadeia, em 1936, a mãe de Carolina pede para que ela nunca mais volte para cidade Sacramento e no ano de 1937, depois da morte de sua mãe, Carolina segue para cidade de São Paulo (FARIAS, 2017).

Em 25 de fevereiro de 1940, a foto de Carolina Maria de Jesus divulgando a poesia *O colono e o fazendeiro* foi publicada no jornal *Folha da Manhã*, ao lado do jornalista Willy Aureli. De acordo com Farias (2017), nesse mesmo ano, Carolina passa a viver no Rio de Janeiro e depois retorna a São Paulo, chegando à favela do Canindé em 1948. A vida na favela do Canindé – o verdadeiro *quarto de despejo*, título de seu livro de maior sucesso – é marcada pela sujeira, desorganização, descuido, violência, e permeado por doenças, alcoolismo e fome, a qual Carolina considerava a escravidão dos tempos modernos. É nesse ambiente que ela passa a trabalhar como catadora de papel, torna-se mãe solteira, gerando três filhos: João José de Jesus (filho de um marinheiro português), José Carlos de Jesus (filho de um espanhol) e Vera Eunice de Jesus (filha do dono de uma fábrica e comerciante).

Por sua natureza, consegue resistir, lutar e denunciar todas essas mazelas que a cercam - tanto na favela do Canindé, quanto em toda sua trajetória de vida - por meio da leitura e da escrita. Carolina Maria de Jesus é verdadeiramente um exemplo de vida, que, mesmo diante de uma sociedade machista, patriarcal, sexista, racista e desigual, consegue vencer, transformar-se e produzir uma literatura importante, baseada em suas experiências de vida. É dessa maneira que em 15 de julho de 1955 inicia registros em um diário sobre a sua vida na favela. No ano de 1958, conhece o repórter Audálio Dantas na favela do Canindé que, após contato com seus escritos, publica alguns trechos de seu diário no jornal. No ano 1960, com o apoio de Audálio, Carolina lança o livro intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que se tornou um grande sucesso e foi traduzido para 14 idiomas. Nesse mesmo ano, ela deixa a favela do Canindé e recebe homenagens da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Logo depois também realiza um grande sonho: a compra de sua casa de alvenaria.

Após o sucesso de seu primeiro livro, Carolina foi simplesmente esquecida e suas produções literárias não tiveram mais reconhecimento. Machado (2006) assevera que, em 1963, ela se encontrava bastante empobrecida e passando por muitas dificuldades. Porém, a escritora consegue comprar um pequeno pedaço de terra em Palheiros, no estado de São Paulo, constrói uma casa e passa a se dedicar à plantação e à criação de galinhas. Seus filhos continuaram a estudar e ela continuou a escrever, mesmo com sua situação financeira desfavorável. Em 1977, depois de muitos percalços, injúrias, difamações, esquecimento e silenciamentos, Carolina Maria de Jesus morre aos 63 anos, vitimada de uma crise de asma. “Quando Carolina morreu [...], os jornais ainda pareciam injuriá-la, lembrando mais os seus fracassos do que os sucessos, reduzindo sua obra a *Quarto de despejo* [...]” (MACHADO, 2006, p. 108), sua vida na favela do Canindé e seu trabalho apenas como catadora de papel. Os jornais e a elite intelectualizada da época não conseguiram aceitar o fato de uma mulher negra de pouco estudo ser uma escritora e considerada por muitos como genial. Por isso fizeram com que ela fosse esquecida e silenciada sua produção literária. Muitos repórteres da época, em total deboche, se perguntavam quem afinal foi Carolina Maria de Jesus? (MACHADO, 2006).

Quem conhece a história e sua obra de Carolina, consideram-na uma mulher à frente de seu tempo e que, mesmo vivendo um cotidiano marcado por preconceito, poucas

oportunidades, violência e miséria, conseguiu criar uma literatura singular, própria e transformadora. Para Meihy e Levine (1994, p. 63), o fato de:

Ser negra num mundo dominado por brancos, ser mulher num espaço regido por homens, não conseguir fixar-se como pessoa de posses num território em que administrar o dinheiro é mais difícil do que ganhá-lo, publicar livros num ambiente intelectual de modelo refinado, tudo isto reunido fez da experiência de Carolina um turbilhão.

Com esse cenário, resultante do levantamento não só da bibliografia sobre sua obra, mas de sua obra propriamente dita, cumpre-se o objetivo de apresentar a obra literária de Carolina Maria de Jesus e a sua trajetória de vida, em paralelo aos motivos pelos quais ela foi silenciada e esquecida ao longo do tempo, como num verdadeiro “turbilhão”.

A seguir, mostra-se a bibliografia da autora, ordenada cronologicamente, com intuito de promover a divulgação e o reconhecimento de sua produção literária, como representativa de uma vida de luta em condições socialmente adversas, devido a preconceitos de gênero, raça e classe social.

A busca pela bibliografia da autora realizou-se por meio das seguintes fontes: portal *Vida por Escrito* (www.vidaporescrito.com), *Catálogo online da Biblioteca Nacional* (www.bn.gov.br/explore/catalogos) e *catálogo online da Biblioteca Maria Carolina de Jesus do Museu Afro do Brasil* (<http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/biblioteca-carolina-maria-de-jesus>).

Além da produção literária, Carolina também deixou peças teatrais escritas e um LP com cerca de 12 canções de sua autoria e um grande volume de manuscritos inéditos, conservados em instituições como o Museu Afro Brasil, a Biblioteca Nacional, a Prefeitura Municipal de Sacramento (Minas Gerais) e o Instituto Moreira Sales.

Quadro 1 - Bibliografia de Carolina Maria de Jesus

I. OBRAS PUBLICADAS NO BRASIL

JESUS, Carolina Maria de. As crianças da favela. **Revista do Magistério**, ano 8, n. 24, p. 18-19, dez. 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 2. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 3. ed. São Paulo:

Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 4. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 5. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 6. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 7. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Aquila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Luzes, [196-].

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. Onde estaes felicidade? In: **Movimento**, 21 fev. 1977.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1983.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. Minha Vida... Prólogo. In: Levine, Robert M., Meihy, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 172-189.

JESUS, Carolina Maria de. O Sócrates africano. In: Levine, Robert M., Meihy, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 190-196.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (Org. MEIHY, José Carlos Sebe Bom.).

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996. (Org. MEIHY, José Carlos Sebe Bom.).

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. 2. ed. Sacramento: Bertolucci, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. Porque Deus não ajuda os pobres. In: MEIHY, José Carlos Sebe

Bom. "Catadora de Vidas". **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 56, p. 64, Maio 2010.

JESUS, Carolina Maria de. Provérbios. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "Catadora de Vidas". **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 56, p.64, maio 2010.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes felicidade?** São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014. (Orgs. FERNANDEZ, Raffaella; MOTA, Maria Nilda da Carvalho).

JESUS, Carolina Maria de. **Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. (Org. FERNANDEZ, Raffaella.).

II. OBRAS PUBLICADAS TRADUZIDAS

Quarto de Despejo: diário de uma favelada

JESUS, Carolina Maria de. **Barak nr.9**: Dagboek van een Brazilianse negerin. Trad. J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen. Arnhem: Van Loghum Slaterus, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Lossepladsen**. Trad. Borge Hansen. Copenhagen: Fremad, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diario de una mujer que tenía hambre. Trad. Beatriz Broide de Sahovaler. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1961. (4ª ed. 1962).

JESUS, Carolina Maria de. **Beyond all pity**: the diary of Carolina Maria de Jesus; the story of slum life in São Paulo that explodes as a vivid and terrifying social document. Trad. David St. Clair. London: A Four Square Book, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Child of the dark**: the diary of Carolina Maria de Jesus. Trad. David St. Clair. New York: New American Library, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Karonina nikki**. Trad. Nabuo Hamaguchi. Tóquio: Kawade, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Le dépotoir**. Trad. Violante do Canto. Paris: Stock, 1962. 2ª ed. 1965.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Milão: Valentino Bompiani, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. São Paulo, **Strada A**, nr.9. Trad. Romulu vulpescu. Bucareste: Editura Pentru Literatura Universală, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Skräpkammaren**: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus. Trad. Bengt Kyhle. Estocolmo: Tidens, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Smetiste**: Deník zeny z favely. Trad. Vlasta Havlínová. Praga: Nakladatelství Politické Literatury, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Tagebuch der Armut**: Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. Trad. Johannes Gerold. Hamburgo: Christian Wegner Verlag, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Els mals endreços**: Diari d'una dona de les barraques. Tradução Francesc Vallverdú. Barcelona: Fontanella, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Zycie na Smietniku**. Trad. Helena Czajka. Varsóvia: Czytelnik,

1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Aki átment a szivárvány alatt**: Egy barakklakó naplója. Trad. Hargitai Gyögy. Budapeste: Kossuth Könyvkiadó, 1964.

JESUS, Carolina Maria de. **La favela**: casa de desahogo. Havana: Casa de las Americas, 1965.

JESUS, Carolina Maria de. **Tagebuch der Armut**: Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin. 2. ed., Leipzig: Philipp Reclam, 1979.

JESUS, Carolina Maria de. **Farzande tariki**. Tradução Simin Dakht Tcheharegasha. Teerã: S. N., 1999.

JESUS, Carolina Maria de. **Çöplük**. Istanbul: Armoni, 2002.

Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de ladrillos**. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Das Haus aus Stein**: Die Zeit nach dem Tagebuch der Armut. Trad. Johannes Gerold. Hamburgo: Chrintian Wegner Verlag, 1964.

JESUS, Carolina Maria de. **Ma vraie maison**. Trad. Violante do Canto. Paris: Stock, 1964.

JESUS, Carolina Maria de. **I'm going to have a little house**: the second diary of Carolina Maria de Jesus. Trad. Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1997.

Diário de Bitita

JESUS, Carolina Maria de. **Journal de Bitita**. Trad. Régine Valbert. Paris : A. M. Métailié, 1982.

JESUS, Carolina Maria de. **Diario de Bitita**. Trad. Mario Merlino. Madri : Alfaguarra, 1984.

JESUS, Carolina Maria de. **Bitita's diary**: the childhood memoirs of Carolina Maria de Jesus. Trad. Emanuelle Oliveira e Beth Joan Vinkler. Nova York, Londres: M. E. Sharpe, 1998.

Meu estranho diário

JESUS, Carolina Maria de. **The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus**. Tradução Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens. New Brunswick: Rutger University Press, 1999.

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O Quadro 1 acima nos revela uma bibliografia com cerca de 15 (quinze) referências de materiais escritos pela escritora Carolina Maria de Jesus. Destas quinze obras, 5 (cinco) foram publicadas em vida e 10 (dez) após a sua morte. Dentre as obras da escritora, aquela que obteve maior destaque é o seu primeiro livro publicado nomeado “Quarto de despejo: diário de favelada”. No Brasil, a obra teve cerca de 8 (oito) edições, além de também ter sido

traduzida em 14 (quatorze) idiomas, como o inglês, espanhol, russo, japonês, romeno, sueco e alemão, e publicada em diversos países.

Apesar de seu destaque, a obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” não pode ser entendida como a única e importante produção de Carolina. Por isso, elaboramos a bibliografia acima com intuito de mostrar outras obras escritas pela escritora. Esta bibliografia é constituída a partir de sua história de vida, memórias, poesias, contos, provérbios e romances. Para os autores deste trabalho, esta é uma bibliografia que foi esquecida e silenciada ao longo do tempo, inclusive nas bibliotecas e unidades de informação.

Além disso, lembramos que as referências bibliográficas que constituem a bibliografia acima é uma ferramenta de acesso à produção literária de Carolina Maria de Jesus, que tem como função responder às necessidades informacionais de pesquisadores, estudantes e o público em geral que possui interesse em seus escritos. Por fim, destacamos que as “[...] referências bibliográficas são representações documentárias, ou seja, estruturas textuais representativas de documentos e, portanto, indicativas destes e elaboradas para funcionar como instrumentos de comunicação e de acesso do conhecimento produzido.” (ORTEGA; CARVALHO, 2017, p. 57).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a revisão de literatura, discutiram-se os conceitos de fonte de informação e de bibliografia, essenciais para o entendimento da bibliografia como disciplina pelo seu papel na construção do conhecimento; e como fonte informação, cuja função é responder às necessidades informacionais de um usuário ou grupos de usuários. Para, além disso, a bibliografia também é utilizada como recurso para a disseminação e o reconhecimento da produção literária e científica de autores e autoras, grupos de pesquisa, coleções e das mais variadas temáticas de interesse da sociedade.

Ademais, no presente estudo, apresentamos a vida e a bibliografia da escritora Carolina Maria de Jesus com intuito de promover a difusão da sua produção literária e possibilitar o conhecimento de seus escritos. Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, mãe solteira, lavradora, recicladora, compositora, sambista, poetisa, dramaturga, cantora, atriz, de pouca escolaridade e que viveu no cotidiano de miséria na favela do Canindé, na cidade de São Paulo teve uma produção literária bastante significativa, potente e transformadora em nosso

país, que repercutiu pelo mundo todo. Nesta pesquisa, encontramos diversas obras de autoria da escritora, algumas publicadas em vida e outras postumamente. Sua bibliografia é pouco conhecida devido a vários fatores que lhe estigmatizaram e deixaram de assegurar seu reconhecimento como uma das mais importantes escritoras do Brasil.

Sendo assim, acreditamos que a construção e a divulgação da bibliografia de Carolina Maria de Jesus, nas escolas, bibliotecas, universidades e sociedade pode ser um caminho para o acesso e reconhecimento de sua produção literária representativa, muitas vezes silenciada e esquecida devido aos preconceitos de raça, gênero e classe social, que marcaram sua vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. Á. Ciência da Informação: origem e evolução. In: _____. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2014. Cap. 2, p. 99-151.

ARAÚJO, L. V. de. **Fonte de informação**. Disponível em:
<<http://www.cid.unb.br/123/M0011000>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

BALSAMO, L. Ayer y hoy de la bibliografía. In: BALSAMO, Luigi. **La bibliografía: historia de una tradición**. Gijón: Trea, 1998. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 20). p. 11-16.

BLANQUET, M-F. A função documentária: estudo em uma perspectiva histórica. Tradução: Camila Mariana A. da Silva. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 4, p. 221-232, out./dez. 2018. Tradução de: La fonction documentaire: etude dans une perspective historique, publicado em 1993.

BUONOCORE, D. **Diccionario de bibliotecologia**. 2. ed. Buenos Aires: Marymar, 1976.

CUNHA, M. B. da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

FARIAS, T. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GROGAN, D. **Science and technology: an introduction to the literature**. London: Clive Bingley, 1970. p. 14-15.

HARROD'S librarian's glossary: 9.000 terms used in information management, library science, publishing, the book trades and archive management. 8. ed. Compiled by Ray Prytherch (Raymond John). Aldershot: Gower, 1995. 599 p.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 5. ed. Salvador: EDUFBA, 2013. 144 p.

MACHADO, M. N. M. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário. **Psicologia & Sociedade**, v.18, n., p.105-110, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822006000200014&script=sci_abstract&tlng=p>. Acesso em: 07 abr. 2019.

MANUAL de gestão de serviços de informação. Curitiba: TECPAR; Brasília: IBICT, 1997.
MARTÍN, V. A. Las fuentes de información. In: PACIOS LOZANO, Ana Reyes. **Técnicas de búsqueda y uso de la información**. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2013, p. 23-43.

MCCRANK, L. J. Analytical and historical bibliography: a state of the art review. **Annual Report of the American Rare**, Antiquarian and Out-of-Print Book Trade, New York, p. 175-185, 1979.

MCKENZIE, D. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MEIHY, J. C. S. B; LEVINE, R. M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

NOGUEIRA, W. A. “O livro como uma força na História”: a bibliografia como fonte de informação e método de pesquisa. **R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 152-164, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118779>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

ORTEGA, C. D.; CARVALHO, M. C. O papel da Bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, número especial, p.36-64, jul. 2017. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3255>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

OTLET, Paul. **Tratado de Documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, [1934] 2018. 700 p.

PALING, S. Classification, rhetoric, and the classificatory horizon. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 588-603, 2004.

SABBA, F. Natureza e origem da Bibliografia: uma perspectiva disciplinar para contemporaneidade. **R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 65-98, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118750>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

SOUTO, L. F. O leitor universitário e sua formação quanto ao uso de recursos informacionais. **Biblios**, ano 5, n. 17, p. 16-24, enero-marzo, 2004. Disponível em:

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

<<http://wotan.liu.edu/doi/data/Articles/juljul%20jujy:2004:v:5:i:17:p:1288.html>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

ZAHER, C. R; GOMES, H. E. Da Bibliografia à Ciência da Informação: Um Histórico e Uma Posição. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 5-7, 1972. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1>>. Acesso em: 19 set. 2019.